

# FMI defende o real forte

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Rodrigo de Rato, defende o real forte e recomenda que o Banco Central (BC) não tente intervir para manter a moeda. Para ele, o governo deve aproveitar o momento do real valorizado para reduzir suas taxas de juros. Questionado sobre a situação

no Brasil, Rato foi claro: "uma intervenção não é eficiente. O mandato do BC deve ser o de estabilidade de preços".

Rato esteve ontem na reunião do G-8 e falou por alguns instantes com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O diretor do FMI rejeitou a idéia de que o real valorizado seja um proble-

ma. "Essa é uma boa oportunidade para o Brasil e para que promova uma queda nas taxas de juros", disse.

Na quarta-feira, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu, por 5 votos a 2, uma redução de 0,5 ponto percentual nos juros. Ele alerta ainda para os riscos de uma intervenção do

BC na moeda. "Tentar modelar a política monetária pode gerar muitas ineficiências. Além disso, essa pode ser a oportunidade ainda para que o país tenha uma situação de dívida mais confortável", afirmou o diretor. "É também uma oportunidade para que o Brasil faça reformas para ser mais competitivo", disse.

Rato afirmou que o real forte tornará o Brasil "mais atraente para os investimentos estrangeiros". "A valorização do real está relacionado com a melhora

macroeconômicas do Brasil", disse. E fez questão de ressaltar que a instituição está "orgulhosa do Brasil" e de como "conseguiu fortalecer e estabilizar sua economia".

## Etanol

Rato também alertou que a expansão do etanol poderá contribuir para incrementar as pressões inflacionárias. "Precisamos estar atentos às pressões inflacionárias. Há pressões nos preços de alimentos e de commodities.

Além disso, estamos vivendo em um mundo de altos preços de energia", disse Rato.

Segundo, os biocombustíveis de fato podem ser "um dos elementos dessa pressão inflacionária". "Isso só reforça a idéia de que temos de ser vigilantes", disse. Um dos impactos do etanol tem sido o aumento no preço do milho nos Estados Unidos e México, além do incremento nos preços de terras em algumas regiões diante das novas oportunidades de lucros.